

**LITERATURA, SALA DE AULA E AS PALAVRAS PONTIAGUDAS***LITERATURE, CLASSROOM AND SHARP WORDS*DOI: <http://dx.doi.org/10.23926/RPD.2526-2149.2017.v2.n2.p216-228.id71>**Adenilson de Barros
de Albuquerque**Mestre em Letras pela
UNIOESTE.Doutorando em Letras pela
UNIOESTE.Professor no IFPR/campus
Umuarama.adenilson.albuquerque@ifpr.edu.br

Resumo: Neste artigo estão presentes apontamentos inerentes a fragmentos literários, como ferramentas para abordagens dialogadas e suas possibilidades críticas de aprendizado. Privilegiamos o contexto do Ensino Médio, por apresentar-se como momento importante da vida estudantil, ao proporcionar aberturas mais amplas para o conhecimento e questionamento de mundo. O texto literário aqui é encarado como provocador de perspectivas histórico-sociais, para além das especificidades estruturadoras da linguagem. Para isso, recorremos a autores e obras cujas propostas escriturais não pertencem a um mesmo espaço-tempo, nem ao mesmo gênero em dois dos casos, haja vista que nosso objetivo é, antes de tudo, discorrer sobre alternativas de leitura. Os trechos analisados, portanto, pertencem a Glossário, poema de Narlan Matos; Memórias póstumas de Brás Cubas, romance de Machado de Assis; Tenda dos milagres, romance de Jorge Amado; Quarto de despejo, diário de Carolina Maria de Jesus; Cidade de Deus, romance de Paulo Lins. A partir dessas composições da arte literária, construímos uma via de discussão sobre os meandros inconclusivos da sala de aula.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Perspectiva. Ensino Médio.

Abstract: : In this paper, some notes associated with literary fragments are presented as tools for interactive approaches and its critical possibilities of learning. We favor the High School environment because it is part of a very important moment in the student life, providing broader openings for knowledge and world questioning. The literary text here is seen as a teaser of social historical perspectives, apart from the uniqueness structuring of language. In order to do this, we turn to writers and literary pieces whose writing proposals do not belong to a same space and time, not even the same gender in two of the cases, once our goal is, before anything else, to make remarks about reading alternatives. The analyzed excerpts belong to Glossário, a poem by Narlan Matos; Memórias póstumas de Brás Cubas, a novel by Machado de Assis; Tenda dos milagres, a novel by Jorge Amado; Quarto de despejo, the diary of Carolina Maria de Jesus; and Cidade de Deus, a novel by Paulo Lins. Based upon these literary pieces, we planned a way to discuss about these uncertain entanglements in the classroom.

Keywords: Brazilian literature. Perspective. High School.



Os estudos de literatura brasileira, de maneira especial durante a modalidade da educação básica denominada no Brasil de Ensino Médio, estão basicamente direcionados, segundo a reprodução de conclusões e modelos prontos em detrimento de leituras críticas e desafiadoras. Presos a encaminhamentos ditados por uma sociedade de posicionamentos unilaterais, professores e estudantes trabalham, em grande medida, em busca de modelos “ideais” para repetições futuras, com o objetivo lógico de se obter aprovação nas avaliações aplicadas a partir de conteúdos mais repassados do que discutidos previamente. Palavras como discurso, senso comum, análise, ideologia, história e sociedade são, quando empregadas, geralmente impregnadas de uma abstração intransponível que pouco ajuda no processo de mediação entre o tempo presente, as características internas e o contexto de produção das obras. O uso dos livros didáticos, muitas vezes realizado de maneira irrefletida e como principal – senão única – fonte de pesquisa, proporciona propostas abrangentes quanto às temáticas e resumidas quanto aos conteúdos formadores de relações impulsionadoras para a criação do pensamento crítico. A isso, soma-se a dificuldade metodológica de ensino em sala de aula compartilhada por quarenta estudantes ou mais e, não raro, a falta de tempo e motivação do professor para a manutenção do hábito da leitura, às vezes deficiente mesmo durante a sua formação docente.

A partir destas e de outras prováveis condições responsáveis por nossas (im)possibilidades de leituras, pretendemos nestas páginas recorrer a fragmentos da literatura brasileira para destacarmos aspectos de representações discursivas que podem nos levar a uma discussão mínima sobre a relação professor/estudantes/sociedade – ou a falta dela. Para além dos aspectos estilísticos dos textos escolhidos, procuramos, fundamentalmente, enfatizar as possíveis “motivações” históricas e sociais de suas representatividades, no tempo de escrita e no tempo de leitura, este último aqui entendido como o contexto atual da sala de aula. Importa-nos, especialmente, compreender que

[...] leer hoy no significa tan solo manejar el código verbal, apoderarse de la escritura, sino atender y observar que hay registros de memoria que se fijaron en códigos, telas, cantos, tatuajes, bordados, quipus y hoy toman el espacio a otras formas de leer y para estimular no unicamente [sic] la tolerancia, sino el respeto; la comprensión y la sensibilidad en la decodificación de otros códigos; o clases de memoria que brinden a las nuevas generaciones una actitud diversa, plural sobre otros medios y procedimientos de la memoria colectiva. (DINIZ, 2015, p. 2).

A proposta escritural deste estudo, assim, não tem o objetivo didático de sugerir um método prático de trabalho docente, pois entendemos que os materiais dessa natureza muitas vezes põem em xeque a capacidade criativa individual do professor o qual, preso a manuais



condutivos de ensino, deixa de incomodar-se e passa acomodar-se aos critérios e práticas previamente estabelecidos por órgãos oficiais de educação. Buscamos, todavia, olhar para o fenômeno “leitura do texto literário” como algo complexo, sob a influência de registros memoriais que ultrapassam o manejo essencial, mas não suficiente, das habilidades cognitiva e motora da linguagem verbal. Os meios e procedimentos de trabalho com as novas gerações, como pudemos ler acima, requerem atitude diversa. São, portanto, possibilidades de diversificação, se comparados a procedimentos tradicionais, que pretendemos apresentar, sem o compromisso com enquadramentos canônicos, relativos a divisões espaço-temporais destinadas a categorizações literárias.

A construção de olhares que considerem várias perspectivas, sobre a formação cultural e as relações sociais brasileiras, em contrapartida às posturas equivocadas por serem unívocas, tem na literatura um dos mais importantes meios de propagação e reflexão. Na leitura dos textos ficcionais, a pluralidade de discursos (BAKHTIN, 1997) pode ser apreendida quando, pela apreciação dialógica das construções históricas, sociais e ideológicas, o leitor tem a oportunidade de confrontar ideias, verdades e mentiras elaboradas e defendidas pela capacidade autoral de se “manipular” linguagem. Nos mundos ficcionalmente verbalizados, de modo especial a partir da segunda metade do século XX, vozes subalternas também são convidadas a enunciarem suas posturas, belezas artísticas contemplativas, afirmativas e seus inconformismos. Desde o seu lugar de expressão, os conceitos e maneiras de se conceber os manuais idealizados de conduta, muitas vezes impostos pela tradição oficializada do saber, são reformulados ou negados, para que outras possibilidades requeiram e conquistem suas maneiras de “olhar e dizer as coisas do mundo”.

Para ilustrar o que viemos expondo até aqui, tomemos como exemplo o perspectivismo ameríndio (CASTRO, 2002, p. 345-399), que nos ensina a não cairmos tão frequentemente no egoísmo ilusório de pensar que a explicação aceitável para todas as coisas depende do ponto de vista construído pela comunidade da qual fazemos parte; nem na propensão ao relativismo, especialmente o cultural, que surge de uma dada noção – novamente a do grupo ao qual pertencemos – como sendo a verdadeira e mais perfeita realização analítica entre todas as possíveis. Ao aprendermos que “[...] os salmões não parecem humanos aos humanos, nem os humanos aos salmões – e isto é o perspectivismo” (CASTRO, 2002, p. 376), estamos diante da oportunidade de repensar a unilateralidade das representações discursivas, literárias ou não, cuja centralidade ainda apresenta forte dominância do ponto de vista ocidental, branco, masculino, guiada por diretrizes econômicas, políticas e religiosas. Na medida em que temos



dificuldade em compreender que, para o salmão, não “significamos humano”, pois o humano do salmão é próprio salmão, também pouco compreendemos que as comunidades e maneiras de pensar, alheias à nossa, não têm a obrigação de se espelhar em uma “linha de conduta” que, na busca incessante de dominação, não passa de uma perspectiva.

As leituras de fragmentos literários sugeridas a seguir, portanto, oferecem alguns caminhos minimamente provocadores para um olhar menos ignorante às possibilidades de se enxergar e representar as relações humanas em alguns contextos. Elegemos cinco textos de diferentes épocas e vertentes escriturais: o poema Glossário, de Narlan Matos; os romances Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis; Tenda dos milagres, de Jorge Amado; o diário Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus; o romance Cidade de Deus, de Paulo Lins. Se seguíssemos pelas veredas das definições ideais e das palavras-chaves para a memorização direcionada a vestibulares e provas afins, estaríamos repetindo o discurso mal resolvido de uma prática inerente ao que chamamos ensino-aprendizagem, à maneira de fazer com que os estudantes tão somente reproduzam conceitos em momentos decisivos de avaliações institucionais. Antes de tudo, consideremos as representações das vozes, das veredas que vamos conhecendo para formular, ou melhor, reavaliar perspectivas.

Para tanto, iniciemos direcionando a atenção para o poema Glossário, de Narlan Matos, do qual transcrevemos a seguir os primeiros versos:

contra o pó de que sou feito, só mesmo as palavras
só elas me lavram com seus arados inexistentes e
abrem sulcos na carne em que habito e de que sou feito
e me preparam para o que não sei
para o grande mistério da colheita

só as palavras sopram em minhas narinas e me originam
só elas me dão bocas e vozes e me nutrem com sua estranha matéria
e me fazem homem (Só as palavras fazem o homem possível)
[...] (2012, p. 75).

Não é preciso muito esforço para convencer alguém de que a capacidade humana de estabelecer significantes, aceitos convencionalmente sobre uma gama gigantesca de significados, como ensinou Ferdinand de Saussure em seu Cours de linguistique générale (1916), é a caracterizadora fundamental de nossa espécie em relação aos outros animais. Esse privilégio, todavia, muitas vezes não é considerado em suas devidas limitações, sendo ocultadas ou obscurecidas as arbitrariedades tanto no nível semântico como no discursivo. Assim, os entendimentos de uma palavra como designadora de determinadas significações são acolhidos, não raramente, como desprovidos de história e o seu uso é livremente difundido sem a mínima interrogação sobre suas origens e consequências. As palavras, que no título destas páginas



adjetivamos como pontiagudas, são aquelas utilizadas como armas, pois tanto o atirador que as lança como o alvo a quem são direcionadas esperam e “sabem” do efeito potencial. Este poder destrutivo é possível tão somente pela solidificação paralisante das significações, impune e devastadora, também ajudada não poucas vezes pelo cotidiano das salas de aula.

Os versos citados do poema Glossário apontam para algumas considerações relevantes as quais devemos ter em conta. Ao lermos que “só as palavras fazem o homem possível”, estamos diante de uma afirmação que, no contexto da sala de aula, caberia bem como uma pergunta aos estudantes. É evidente que toda afirmação é passível de questionamento, exatamente porque é composta por palavras. Mas esse verso em especial aparece como um bom “início de conversa”, ao instigar discussões contextuais sobre possíveis razões que motivariam o poeta a escrever tal sentença de maneira a excluir outra “possibilidade de existência do homem” que não a estabelecida por palavras. No momento de compreender por que somente as palavras “me preparam para o que não sei”, é importante desvelarmos o que está posto como inquestionável e as palavras, apesar de sua cotidiana mutabilidade regional, social, etc., ainda reinam à vontade, imaculadas sob o manto das formalidades gramaticais. Assim, muitos professores, na ilusão de que dominam o que se chama em sociolinguística de “variedade padrão”, no desejo ingênuo de oferecer aos estudantes oportunidades de “vencer na vida”, sustentam de uma vez por todas a correção padronizada, o primeiro e um dos mais largos passos para a aceitação dos discursos também padronizados.

Nos versos do poema Glossário, mais do que uma crítica aos usos e variações, como chamamos a atenção no parágrafo anterior, o eu lírico nos direciona para a característica fundamental das palavras: sua capacidade de envolver o ser humano na criação simbólica e sua “aceitação coletiva” das coisas. A palavra é, antes de tudo, possibilidade de significação, assimilação, representação e construção de perspectivas. Elementos de ataques e de defesas, de verdades e mentiras, as palavras são ferramentas poderosas e, dependendo da forma como as encaramos, podem reduzir ou ampliar a nutrição de nossas “bocas e vozes [...] com sua estranha matéria”; podem nos preparar para o que não sabemos, “para o grande mistério da colheita”, como escreveu o poeta. Para alimentarmos a metáfora, não é demais lembrar que as plantações e as colheitas requerem condições propícias para sua boa realização e, apesar de parecer, no terreno do discurso o preparo da terra não se dá de maneira natural ou inocente. Vejamos algumas de suas implicações nas análises sugeridas a seguir.

No capítulo LXVIII de Memórias póstumas de Brás Cubas (1881), intitulado “O vergalho”, Machado de Assis nos apresenta uma cena em que o protagonista vinha caminhando



e seus pensamentos são interrompidos por um ajuntamento na praça, na qual um preto vergalhava outro preto. O que apanhava não se atrevia a fugir, apenas gemia e pedia perdão, mas a cada súplica tomava mais pancadas e era repreendido para que ficasse quieto. Na sequência:

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, - o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado! (1994, p. 76).

O que poderia ser considerado um episódio torvo, “[...] mas só exteriormente. [...] Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, - transmitindo-as a outro” (p. 76), a cena narrada sugere, tanto ao narrador como ao leitor, o resultado de uma observação atenta de Machado de Assis que, pelas vias da ficção, chama a atenção para problemas profundos inerentes à formação histórica e social do Brasil, disfarçadamente aceita como genuinamente nacional. Os quatro séculos iniciais da história oficial desse país foram decisivos para o desenvolvimento de assimilações e destruições culturais, das quais ficaram plainando sobre a estrutura das nossas sociedades usos e costumes, aceitações e rechaços que, em alguma medida, se tornaram lugar comum no discurso corrente tanto das classes abastadas quanto no da grande massa populacional que compõe o que se chamam em alguns escritos de arraia miúda.

Para a personagem Prudêncio, bater no escravo era um direito seu, pois se tratava de uma propriedade adquirida. Contudo, mais do que tecer alguns apontamentos sobre a possível formação psicológica responsável pelo aspecto violento do “moleque” que pertenceu a Brás Cubas, voltemo-nos para o profundo respeito dedicado à pessoa que, no passado, no presente e talvez para todo o sempre, será para Prudêncio o eterno “nhonhô”. A condição de subalterno de um e de autoridade moral do outro revela uma eloquência definitiva, que não permite reconsiderações indicadoras de mudanças, na estrutura profunda de uma sociedade alicerçada sobre papéis carimbados desde longa data. No exemplo ficcional construído por Machado de Assis estão as características de um comportamento relacional que perdura em grande parte da sociedade brasileira contemporânea, apesar dos indícios de discussões e ações afirmativas das consideradas minorias que vêm obtendo boa repercussão, não se sabe até quando, mesmo sob o atual momento político/repressivo do país. Trazer um fragmento como esse para a sala de



aula, encarando-o como um texto que revela situações recorrentes na sociedade brasileira, de ontem e de hoje, é uma maneira de provocar nos estudantes questionamentos reais, quem sabe mais relevantes do que as práticas engessadas, quando usadas como técnica pela técnica, de se apontar corretamente para o narrador, personagens, espaço, discurso direto, periodização, etc.

Uma vez participantes de discussões que revelem aspectos significativos das palavras enquanto armas responsáveis pelas verdades e mentiras tradicionais de uso contínuo por “dominantes” e “dominados”, é possível que professores e estudantes comecem a encarar com mais interesse e profundidade alguns trechos da literatura brasileira como o que transcrevemos a seguir, retirado do romance *Tenda dos milagres* (1968), de Jorge Amado, o qual em alguma medida nos ajudará a prosseguir com nossas ponderações, em diálogo com o que viemos propondo até aqui:

São de tal maneira terríveis as condições de vida do povo baiano, tamanha é a miséria, tão absoluta a falta de qualquer assistência médica ou sanitária, do mais mínimo interesse do Estado ou das autoridades, que viver em tais condições constitui por si só extraordinária demonstração de força e vitalidade. Assim sendo, [...] tudo quanto significa enriquecimento cultural adquire a importância de verdadeiro milagre que só a mistura de raças explica e possibilita. Da miscigenação nasce uma raça de tanto talento e resistência, tão poderosa, que supera a miséria e o desespero na criação cotidiana da beleza e da vida'. [...] ‘Protesto!’ Era o professor Nilo Argolo, de pé, apoplético, a vociferar:

— Esta citação é um escárnio à colenda da faculdade! (2010, p. 226-7).

As palavras que antecedem o protesto da personagem Nilo Argolo fazem parte de uma tese defendida pela personagem Fraga Neto, professor na Faculdade de Medicina da Bahia, durante a qual são citadas algumas linhas escritas pela personagem principal Pedro Archanjo, um bedel da faculdade, homem boêmio, preto, pobre e tido como subversivo por suas conjecturas e afirmações publicadas em livros. Apresentadas por Fraga Neto como oriundas da pena de um “competente antropólogo de ampla visão sociológica” (p. 226), as palavras de Archanjo são prontamente rebatidas por representarem uma afronta à respeitabilidade da instituição de ensino. Pensemos brevemente sobre a dicotomia protesto x escárnio como motivadora de dois pontos de vista: um emergente da análise do Brasil real e outro representativo de parte expressiva do discurso acadêmico e elitista do país, também recorrente nas classes menos abastadas, que se rendem às molduras de pensamento por elas não elaboradas, mas fortemente difundidas sob o signo da informalidade cotidiana.

As afirmações de Pedro Archanjo, ecoadas por Fraga Neto, denunciam as “condições de vida do povo baiano” que bem podem ser estendidas a uma porção significativa de brasileiros e brasileiras que sofre com a “falta de assistência” e desinteresse do Estado em todo o território nacional. Apesar dessas condições ainda vigentes em larga medida, fazemos parte de uma



coletividade que demonstra extraordinária “força e vitalidade” na construção mestiça que explica e possibilita o “verdadeiro milagre” do nosso “enriquecimento cultural”, de nosso “talento e resistência” que superam misérias e desesperos. Admitir essas características criadoras de identidades culturais do povo brasileiro, em particular, e latino-americano em geral, era impensável e descabido no pensamento acadêmico devedor das correntes científicas do século XIX que, apesar dos estudos pós-coloniais e de tantas outras áreas do conhecimento, ainda se apresentam como vigentes, explícita ou implicitamente, em pleno século XXI.

A postura da personagem professor Nilo Argolo exemplifica a reação embravecida e repleta de ignorância dos discursos imparciais e autoritários de quem, seja ilustrado ou analfabeto, reproduz simpatia pelo que é “puro” e aversão ao que é fruto de misturas. A ideia de unidade e pureza tem lugar cativo em posicionamentos sobre várias questões sociais das quais, entre uma quantidade incontável delas, podemos mencionar as religiosas, futebolísticas, políticas, raciais e de gênero. Sentimos uma aparente necessidade de compreender as coisas empacotadas para pronta entrega e consumo. Destoar das normativas que estabelecem verdadeiros manuais de boa conduta para o “bem-estar” da sociedade, é sinal de que o questionador tem problemas e representa alto grau de periculosidade. Ele precisa ser corrigido e, se não retornar ao “seu devido lugar”, deverá ser punido para servir de exemplo à potencialidade de futuras subversões.

Pedro Archanjo representa o indivíduo que lê, que corre atrás das significações profundas escondidas nos ensinamentos superficiais e, ao se sentir incomodado, não vacila em expor sua compreensão e intervenção aos problemas que lhe dizem respeito. Essa postura da personagem de Jorge Amado pode funcionar como um estopim de discussões a realizarem-se em sala de aula, por indicar a atuação civil de alguém de vai de encontro às diretrizes ratificadas pela oficialidade acadêmica, política e cultural espalhadas sob diferentes complexidades no pensamento de um país como o Brasil. Em *Tenda dos milagres*, se quisermos fugir das análises puramente estruturais que veem nessa obra tão somente componentes ideologicamente partidaristas, algo que diminuiria sua literariedade, temos mais uma oportunidade de se pensar nas palavras enquanto componentes de sentenças, que têm o poder de reafirmar ou afrontar construções de pensamento necessariamente vinculados a sua historicidade.

Outro fragmento que trazemos para a nossa análise sobre o uso dos textos literários em sala de aula, pertence ao *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Em livro que apresenta o formato de diário, a autora escreve que, no dia 8 de agosto, após sair de casa às 8



horas, ela para na banca de jornal para ler as notícias principais. Ela lê que o bandido Promessinha ainda não foi preso e que sua insensatez está relacionada à pouca idade, o que não lhe permite conhecer “as regras do bom viver”. Vejamos o que se segue:

Promessinha é da favela da Vila Prudente. Ele comprova o que eu digo: que as favelas não formam caráter. A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo.

...Fui lavar roupas. Na lagoa estava a Nalia, a Fernanda e a Iracema, que discutiam religião com uma senhora que dizia que a verdadeira religião é a dos crentes.

A Fernanda diz que a Bíblia [sic] não manda ninguém casar-se. Que manda crescer e multiplicar. Eu disse para a Fernanda que o Policarpo é crente e tinha várias mulheres. Então a Fernanda disse que o Policarpo não é crente.

— É quente!

Achei graça no trocadilho e sorri. Dei uma gargalhada. E coisa que eu não discuto é religião. (1993, p. 95-6).

Por se apresentar como uma observadora atenta de seu cotidiano na cidade de São Paulo em meados dos anos de 1950, Carolina Maria de Jesus descreve e comenta muitas cenas a partir de suas vivências. Essas que elegemos para fins de nossa argumentação pressupõe, no mínimo, duas vertentes para se discutir como a palavra, por um lado, pode nos aparecer como um esconderijo blindado de problemas sociais e, por outro, como ela sustenta mitos sobre a intocabilidade de temas que detêm forte influência na conduta das pessoas. Assim, teçamos breves considerações para compreendermos algumas bases que fundamentam afirmações como a de que a “favela é um quarto de despejo”, constatação seguida da adição de que as autoridades ignoram esse fato, e a postura categórica da escritora acerca das questões relacionadas à religião, as quais ela não discute.

O andamento econômico das cidades dominadas pelo sistema capitalista proporciona a existência de disputas para se chegar às condições de trabalho mais valorizadas no contexto social. Essas disputas, contudo, não se dão em condições de igualdade para todos os habitantes. Aqueles que, desde a infância, não se deparam com situações mínimas de estruturação educacional, seja pelas vias das diferentes formas de família ou pelas instituições oficiais de ensino, dificilmente alcançam boas oportunidades de autonomia financeira e intelectual como aquela parcela reduzida de crianças e jovens que participam e aproveitam de tais situações. O tamanho do horizonte de uma pessoa condenada à simples sobrevivência não se compara àquela privilegiada por possibilidades de informações, boa alimentação, habitação confortável e outras situações propícias ao desenvolvimento de habilidades técnicas e culturais competitivas no mundo atual. Uma parte considerável dos desprivilegiados, participantes secundários das políticas de Estado, vive em locais incompatíveis com seus próprios direitos constitucionais;



vive em barracos como o que abrigava Carolina Maria de Jesus às margens do rio Tietê; vive nos seus “quartos de despejo”.

As autoridades, estranhamente chamadas de competentes, utilizam, entretanto, de vários artifícios quando são cobradas a darem soluções às consequências acarretadas pelas disparidades sociais que estamos descrevendo: realocam famílias para moradias distantes, direcionam seus filhos para salas de aula abarrotadas de alunos, prometem soluções paliativas e, para coroar tais ações, não deixam de organizar solenidades e sustentar propagandas oficiais nos meio de comunicação. Diante disso, a afirmação da autora de que “as autoridades ignoram que tem quarto de despejo” não deve ser interpretada ao pé da letra, mas como o resultado da experiência pessoal de quem já viu e ouviu muitas soluções discursivas que simplesmente desaparecem nas nuvens da efemeridade, que são tão recorrentes que chegam a beirar o cúmulo das ignorâncias.

Ainda na sequência do fragmento selecionado, vemos um exemplo da proteção sagrada dos temas intocáveis, como acontece quando geralmente alguém resolve duvidar ou requerer explicações sobre determinadas divindades ou, mais especificamente, sobre algumas condutas apoiadas sob o regulamento dos dogmas. Em frases como “religião não se discute” tem-se a fuga pronta e perfeita para não se mexer no que está posto como definitivo. Carolina Maria de Jesus, apesar de conhecer a situação poligâmica do crente Policarpo, prefere não aprofundar nos questionamentos sobre as causas e consequências dessa atitude provavelmente contrária aos preceitos bíblicos. Ao agir assim, ela representa o que se passa com outras temáticas ou sentenças que nos chegam como absolutas e irrevogáveis de maneira semelhante ao que acontece, para citarmos apenas um caso, com as leis governamentais, que são tidas como corretas e necessárias, apesar de pouco conhecermos sobre as bases de sua construção, aprovação e aplicação. Ao aceitarmos as coisas tais como elas “são”, estamos cumprindo com o nosso papel de submissos e replicadores de manuais formulados por pessoas ou entidades que dominam os jogos obscuros das palavras. Lutar contra essa condição é um esforço que pode ter início na leitura crítica e compartilhada de trechos como o aqui mencionado de Quarto de despejo.

O último fragmento que propomos para o embasamento da presente reflexão pertence ao livro *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins:

— P com i dá pi, p com a dá pa, pi-pa, pipa, porra! Pipa! - soletrava Miúdo ao lado da mulher de seu novo parceiro em Realengo.

Miúdo, na mesma semana em que saiu do presídio, procurou os parceiros do amigo que fizera na cadeia. Com estes fez assaltos durante quinze dias consecutivos. Sua



astúcia nos assaltos e a perspicácia que demonstrou quando tomaram as bocas de Realengo lhe deram o posto de subchefe: tinha quarenta por cento na venda das drogas. Agora realizava o sonho que tomara conta dele na cadeia, pois tinha sempre que pedir a alguém para ler as cartas que recebia e isso poderia ser perigoso, corria o risco de alguém descobrir algo a seu respeito. Já sabia assinar o nome, e, se encontrasse o tal doutor Violeta, que resolvia qualquer problema, poderia ter identidade e talão de cheque, coisa que também sempre sonhara ter. (2002, p. 396).

Dessa passagem do livro cuja história foi adaptada para o cinema e obteve grande sucesso nacional, temos mais alguns vieses inerentes à importância da palavra os quais merecem breves considerações a se somarem ao que viemos escrevendo até aqui. Como pudemos depreender a partir da reação e dos planos da personagem Miúdo, saber ler e escrever são habilidades que lhe aparecem como fundamentais para o seu futuro enquanto liderança no mundo dos negócios. Suas práticas cotidianas, apesar de ilícitas, requerem domínios sem os quais mesmo os subchefes do crime não conquistariam vida longa. Além disso, a possibilidade de transitar socialmente portando documentação própria, podendo realizar suas compras com cheques nominais, sem a “mancha” dos roubados ou sem fundos, lhe traria certos orgulhos morais não experimentados até então. Miúdo, portanto, enxerga chances de crescimento e sustentação de suas ações criminosas, caso prospere minimamente nos caminhos da alfabetização.

Poderíamos ter começado o parágrafo anterior discorrendo sobre as consequências terríveis que ameaçam aqueles que se sujeitam à criminalidade, incentivando os leitores a buscarem posturas de retidão e honra nas relações interpessoais, etc. Não o fizemos, pois o texto literário também deve servir para encaminhamentos menos engessados às leituras moralizantes ou simplesmente devedoras das particularidades estruturais; e fugir de tais amarras é o principal objetivo dessas nossas páginas, o que já deve ter ficado claro em momentos anteriores. Assim, nos interessa por ora destacar a centralidade do domínio que devemos ter das palavras, seja no âmbito da oralidade ou da escrita, para que as relações estabelecidas por nós em sociedade, lícitas ou não, consigam se desprender das limitações silenciadoras e adquiram amplas possibilidades de expansão significativa, isto é, nos permitam a escolha de participação em diferentes contextos, sendo os nossos interesses a principal instância a ser consultada.

A ficção que compõe o livro *Cidade de Deus* parte de uma realidade histórica da cidade do Rio de Janeiro. A personagem Miúdo, nas poucas linhas que destacamos, demonstra conhecer a formatação dos presídios, do tráfico de drogas e dos meios escusos impulsionadores de (i)legalidades neste país. A descoberta das letras, sílabas e suas consequências enquanto proporcionadoras de significações lhe rendeu expectativas de expansão nas suas práticas de fora da lei. Essa mesma descoberta, independente do seu uso posterior, é o que pode desvelar as



possibilidades e limites de toda pessoa que pretende não se render facilmente às obscuridades do analfabetismo, tanto o das primeiras letras quanto o funcional. A discussão de um assunto como este no âmbito da sala de aula não deve se limitar ao lugar comum das ameaças proféticas, antecessoras das punições do “mundo lá fora”, àqueles que não se dedicam ao aprendizado da leitura e da noções de escrita. Problematizar seriamente essa questão pressupõe olhares menos reduzidos aos mandamentos da sociedade moralizante e trabalhista que nos espera, e mais abertos às nuances profundas das relações de poder nas vivências imprevisíveis do ser humano.

Com as leituras desenvolvidas em formato de provocações sugeridas pelos fragmentos selecionados para o presente estudo, pudemos, em alguma medida, direcionar o olhar para aspectos do texto literário cuja importância deve ser ressaltada no diálogo entre estudantes e professores, especialmente no Ensino Médio. Defendemos a necessidade de se formar repertórios a partir de observações atentas que nos levem, não a conclusões totalizantes, mas à capacidade de levarmos em conta que o avanço na compreensão de nossa formação cultural, seus integrantes e seus desdobramentos, se dá especialmente, quando duvidamos das certezas que nos são “dadas”, fundamentalmente alicerçadas pelos meandros das palavras. Vivemos sob os mandamentos de muitas perspectivas que buscam afirmar-se como, verdadeiramente, adequadas em seu pugilato cotidiano, ao contrário da resolução ameríndia em seu modo de admitir múltiplas maneiras de se observar o mundo, e todas elas válidas. Enxergar cuidadosamente a construção das perspectivas no âmbito dos discursos é tarefa constante e árdua de estudantes e dos professores que, em suas condições de trabalho nem sempre favoráveis às discussões criadoras, precisam decidir diariamente entre repetir os conteúdos destinados aos exames anuais ou seguir pela via da desconstrução dos modelos solidamente estabelecidos. É importante lembrarmos que “[...] hay los analfabetos funcionales y también hay los docentes empedernidos en resistir a ponerse en lugar del otro”. (DINIZ, 2015, p. 5). Diante disso, a atenção redobrada ao emprego das palavras, as quais sugerimos no título acompanhadas do adjetivo pontiagudas, é a medida carregada de incertezas, porém necessária, para se descobrir as sutilezas dos discursos que, ideologicamente transformados em senso comum, nos impedem a aproximação analítica de sua historicidade socialmente edificada. O texto literário é fonte profícua para essas descobertas e a sala de aula se apresenta como espaço privilegiado para exercitá-las, enquanto vivemos sob as bases constitucionais de um país democrático.



REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- DINIZ, Alai. ¿Cómo leer jugando? PANAMBI y el vuelo entre poema; performance y socialidad. **8.º Congreso mundial para el talento de la niñez**. Sucre, 2015.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1993.
- LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MATOS, Narlan. **Elegia ao novo mundo e outros poemas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

Submetido em: 31 de julho de 2017.

Aprovado em: 18 de novembro de 2017.